

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
GRADUAÇÃO EM TEATRO**

YASMIN CAROLINE MOREIRA DA CUNHA DE SOUZA

ECOS DE SOLIDÃO – ESTUDO SOBRE A CRIAÇÃO CÊNICA

UBERLÂNDIA/MG

2024

YASMIN CAROLINE MOREIRA DA CUNHA DE SOUZA

ECOS DE SOLIDÃO – ESTUDO SOBRE A CRIAÇÃO CÊNICA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teatro do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de licenciada em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Narciso Larangeira Telles da Silva

Uberlândia, MG

2024

Dedico esse trabalho a pessoa mais incrível que já existiu nesse mundo: meu melhor amigo Tiago Ferreira. Enfrentei a dor profunda de perdê-lo em meio essa jornada, mas nunca deixei um dia sequer de me lembrar da sua alegria, força de vontade e apoio. Te carrego em meu coração, na minha memória e na minha arte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos meus pais, Margarete e Geraldo, que sempre acreditaram nos meus sonhos e foram como combustível para que eu alcançasse todos eles. Sem o apoio e confiança deles eu não seria nada, sou muito sortuda por ter nascido em uma família tão cheia de amor e cuidado.

Agradeço a minha irmã, Rayssa Nicole, que é minha fonte de amor e segurança.

Agradeço aos meus amigos, especialmente aos que conheci aqui na Universidade, que muitas vezes se fizeram de lar para mim que estou a tantos quilômetros longe de casa.

Agradeço a Bárbara Borges, que além de ser minha amiga se tornou minha diretora que confiou e embarcou nesse trabalho comigo, ele não seria o mesmo sem ela.

Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram e me apoiaram durante esse processo, meu amigo e braço direito Carlos Chiaradia, meu orientador Narciso Telles e a todos do Curso de Teatro da UFU.

Agradeço a todas as mulheres que vieram antes de mim e que lutaram para que eu pudesse estar aqui hoje e a todas que já cruzaram o meu caminho, por elas toda minha admiração.

RESUMO

O presente trabalho é uma reflexão acerca das vivências e desenvolvimento cênico na criação da cena “Ecos de Solidão” do ponto de vista da atuação e dramaturgia. O processo teve seu âmago na necessidade de falar sobre a mulher em cena, especificamente as suas amarras, através da obra “A Mulher sem pecado” de Nelson Rodrigues. Os principais elementos utilizados na criação cênica foram: Referências diárias diversas do “ser mulher”, músicas, poemas, obras de Nelson Rodrigues, atuação por intensidades e dramaturgia autoficcional. O objetivo da cena é conversar a figura da “mulher de Nelson” de 1940 com a mulher contemporânea. Os seus anseios, individualidades, amarras, pecados e trazer o questionamento em relação aos dias atuais. Aqui também trago algumas reflexões referentes a direção da cena e os primeiros contatos com o público.

Palavras-chave: Criação Cênica - Mulher - Nelson Rodrigues.

ABSTRACT

This work is a reflection on the experiences and scenic development in the creation of the scene “Echoes of Solitude” from the point of view of acting and dramaturgy. The process had its core in the need to talk about women on stage, specifically their bonds, through the work “A Mulher sem pecado” by Nelson Rodrigues. The main elements used in the scenic creation were: diverse daily references to “being a woman”, songs, poems, works by Nelson Rodrigues, acting through intensities, autofictional dramaturgy, and the practice of Rasaboxes. The aim of the scene is to discuss the figure of Nelson's woman of 1940 with the contemporary woman. Her yearnings, individualities, ties, sins and to question her in relation to the present day. Here I also offer some reflections on the direction of the scene and the first contacts with the audience.

Keywords: Stage creation - Women - Nelson Rodrigues.

TABELA DE IMAGENS

1 Lousa: Exercício de escrita automática – sentimento raiva.....	22
2 Lousa: Exercício de escrita automática – sentimento tesão.....	22
3 Lousa: Exercício de escrita automática – sentimento acanhamento.....	22
4 Lousa: Exercício de escrita automática – sentimento tristeza.....	22
5 Criação da partitura corporal.....	25
6 Criação da partitura corporal	25
7 Criação da partitura corporal.....	26
8 Criação da partitura corporal.....	26
9 Criação da partitura corporal.....	26
10 Criação da partitura corporal.....	27
11 Apresentação no evento “Mostra de Pesquisas Práticas”	29
12 Apresentação no evento “Mostra de Pesquisas Práticas”	29
13 Apresentação no evento “Mostra de Pesquisas Práticas”	29
14 Apresentação no evento “XVI Seminário Nacional O Uno e O Diverso na Educação Escolar”	30
15 Apresentação no evento “XVI Seminário Nacional O Uno e O Diverso na Educação Escolar”	30
16 Apresentação no evento “XVI Seminário Nacional O Uno e O Diverso na Educação Escolar”	30
17 Roteiro da cena “Ecos de Solidão” com anotações de ensaio.....	33

LISTA DE QUADROS

1 Análise da obra “A mulher sem pecado”	14
2 Análise da obra “Dorotéia”	14
3 Análise da obra “Perdoa-me por me traíres”	15
4 Análise da obra “Os sete gatinhos”	16
5 Análise da obra “A Serpente”	16
6 Encontros.....	21

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 MULHERES DE NELSON RODRIGUES	13
1.1 Dramaturgia da Cena Ecos de Solidão	17
2 SOBRE A DIREÇÃO	19
3 EM SALA DE ENSAIO	21
3.1 Tabelas de Encontros	21
3.2 Resumos dos encontros práticos	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE	32
APENDICE 1: ECOS DE SOLIDÃO.....	32
APENDICE 2: IMAGEM ROTEIRO DE CENA.....	33
APENDICE 3: RELATO AUTOFICCIONAL.....	34
APENDICE 4: LINK GRAVAÇÕES.....	36

INTRODUÇÃO

Esse trabalho de conclusão de curso é um registro do processo de criação dramaturgic e cênico da cena “Ecos de solidão”. Nele farei uma revisão dos recursos utilizados por mim, como atriz e idealizadora da cena, tal qual anotações, vídeos, fotografias e partituras corporais para a criação de um texto sobre as reflexões presentes nessa narrativa.

A pesquisa se iniciou através da minha vontade de estar em cena. Parece um pouco contraditório, mas durante a graduação em teatro me senti um pouco distante do meu trabalho de atriz, de criação e sala de ensaio. Muitas vezes dentro da Universidade acabamos focando em realizar as coisas que estão impostas para nós no calendário acadêmico, não sobrando tempo para nossos planos e desejos pessoais. E para que o meu trabalho de conclusão de curso não se tornasse algo maçante, pois desesperador eu já sabia que seria (risos), resolvi satisfazer as minhas vontades e dar voz, corpo e escrita as minhas criações.

A cena “Ecos de solidão” é uma criação a partir da obra “Mulher sem pecado” de Nelson Rodrigues, nela realizo uma reflexão entre a personagem e a mulher contemporânea através da dramaturgia autoficcional. A cena surge do ser mulher, as sensações e prisões que são acarretadas a essa identidade. Ressalto aqui, que falo através de um recorte privilegiado, de uma mulher branca e cisgênero, que ainda assim, carrego em meu corpo marcas da sociedade patriarcal, onde o homem se sobrepõe e a sociedade age como adestradora de vontades e vaidades femininas.

Nelson Rodrigues aparece nesse trabalho através da Yasmin de 2016, na sua descoberta como atriz, primeiras apresentações, primeiros contatos com a arte da cena e dando vida a personagem “Selminha” da peça “O Beijo no Asfalto”. Esse foi o meu primeiro contato com alguma obra do dramaturgo, que de primeira já me apaixonei pela sua forma de escrita instigante, com um enredo cheio de reviravoltas. A partir dessa curiosidade “engoli” as suas obras, li outras peças, os contos da “Vida como ela é” e assisti filmes. E essa admiração pelo autor continuou, com os anos, quieta dentro de mim, até nesse momento.

Visto que hoje em dia o dramaturgo é considerado uma figura machista de sua época, pelo seu caráter “defensor da moral e dos bons costumes” -apesar de também possuir um olhar libertário- parece contraditório da minha parte usar de sua obra para tratar das dores do feminino. Porém, nesse percurso de leitura e análise de suas peças

compreendi que o que tanto me fascinava no escritor não era ele por si só, mas também as suas personagens femininas, sempre a frente do seu tempo, que carregavam uma bagagem com suas próprias histórias, segredos e vontades. Como diz Fontes:

É interessante observar que Nelson sempre constitui sua visão das mulheres embasada em estereótipos sociais bem populares e historicamente conhecidos como santas e putas, moça de família e adúltera, pura e devassa etc. No entanto, o autor não nega a cada sujeito deter em seu âmago a potencialidade para o inesperado. Ou seja, ele molda seus conceitos e personagens femininas em cima de padrões socialmente aceitos e predeterminados, mas, ao mesmo tempo, os desnudam e os envolvem nos desejos mais recônditos e inimagináveis, possibilitando, assim, uma visão multifacetada do ser mulher. (Fontes, Bruna, p.55, 2017).

A metodologia desse trabalho se baseou no conceito de investigação-criação, em que a pesquisa se deu no desenvolvimento de sua experimentação prática.

No primeiro momento me debrucei nas obras “A mulher sem pecado”, “Perdoame por me traíres”, “A serpente”, “Os sete gatinhos” e “Dorotéia”, o meu primeiro projeto de pesquisa era a realização de uma instalação cênica que acontecessem cenas variadas das obras mencionadas. Com o desenrolar da pesquisa decidi elencar apenas uma obra, “A mulher sem pecado”, e me aprofundar na sua personagem feminina para a criação de uma única dramaturgia.

Nesse momento de criação, tive acesso ao espetáculo “Br-Trans” do autor e ator Silvero Pereira, em que o ator habita uma narrativa autoficcional para contar as histórias vividas e escutadas por ele de travestis que conheceu durante o processo de pesquisa e criação do espetáculo. O que me fez buscar sobre essa narrativa autoficcional na dramaturgia contemporânea, trago a definição de Lima na *Revista internacional de estudios literarios* que conversa com Klinger, para complementar sobre esse tipo de escrita: “gênero autoficcional é, pois, uma prática textual contemporânea na qual, ficcionalizando a si próprio, o autor desestabiliza o conceito de verdade, de ficção e do próprio eu, criando um texto que “problematiza a relação entre as noções de real (ou referencial) e de ficcional, assim como a tensão entre a presença e a falta.” (Lima, 2017 p.115) (Klinger, 2012 p. 34).

Sendo assim, para a construção da minha narrativa cênica usei da autoficção para realizar um intermédio entre a personagem feminina de Nelson e a vida real, minha e de várias outras mulheres.

Por fim, com a dramaturgia pronta em sala de ensaio busquei diversos aspectos do teatro para a criação, como: improvisação, imersões, atuação por intensidades,

rasaboxe, partituras corporais, entre outros. Vale mencionar que durante esse processo além da orientação de Narciso, durante minha pesquisa II e III contei com a presença de Bárbara Borges para a minha direção e preparação cênica, o que me possibilitou um outro tipo de troca e olhar voltado para a cena. Todas as etapas práticas foram registradas de forma escrita e alguns possuem registros fotográficos e vídeos para serem revisitados na construção desse trabalho para compartilhar o percurso de criação da cena “Ecos de solidão”.

Com isso, este trabalho ficou dividido em quatro seções sendo a primeira “Mulheres de Nelson Rodrigues” onde discorro sobre as obras do autor estudadas e a criação da dramaturgia. A segunda, “Sobre a Direção,” que discute a escolha da direção da cena e traz um relato pessoal sobre essa experiência. A terceira seção, “Em Sala de Ensaio”, oferece um panorama dos encontros e do desenvolvimento dos ensaios. Em seguida, a quarta seção, “Considerações Finais” que reúne as conclusões e minhas reflexões sobre esse trabalho e sobre a experiência de compartilhamento com o público.

1. MULHERES DE NELSON RODRIGUES

“Tudo passa, menos a adúltera. Nos botecos e nos velórios, na esquina e nas farmácias, há sempre alguém falando nas senhoras que traem. O amor bem-sucedido não interessa a ninguém”.¹ Para falar sobre as “mulheres de Nelson Rodrigues” início com essa sua fala, retirada de uma entrevista em 1980. O adultério, até 2005 no Brasil, era considerado crime, porém Nelson já tratava sobre o assunto em suas obras desde 1940, desmistificando a sexualidade e o pudor sobre a mulher. Nesse caso específico a mulher, pois para o homem, na sociedade patriarcal, o natural é cometer o ato da traição, faz parte do seu “instinto”.

O adultério é um tema muito presente nas obras de Nelson, e muitas vezes como uma fuga feminina. Como especificado por Fontes:

O desenrolar das tramas percorre frequentemente os trilhos da moral e do bom costume: há, quase sempre, uma família ideal ou um casal feliz e perfeito que aspira manter a dignidade do seio familiar e a tradição, porém, rendem-se, em determinado momento, aos desejos mais reprimidos, guardados a sete chaves no infinito particular de cada personagem. Nota-se que este é o grande ápice da maioria de suas obras: o afloramento do desejo feminino de se rebelar contra as imposições decretadas pelo matrimônio ou pela tradição familiar. Desta forma, muitas tramas apresentam enredos recheados de traição, prostituição e incesto – elementos que revelam a forte necessidade de extravasar uma pulsão sexual que não é exclusiva do gênero masculino. (Fontes, Bruna, p.56, 2017)

Ao passo que até mesmo as atitudes consideradas liberatórias a essas mulheres também são providas através da ação masculina como: repressão, desconfiança e manipulação. O corpo feminino, tanto na dramaturgia como na vida, carrega em si uma marca da sociedade patriarcal- onde o homem sobrepõe a mulher. A igreja e a sociedade aparecem como um adestrador da sexualidade e vaidade feminina. E ainda assim, essas personagens conseguem se mostrar à frente de seu tempo, relutantes a essas amarras, expondo sua individualidade e desejos.

Nas dezessete peças escritas pelo autor como dramaturgo, dezesseis apresentam elementos que parecem ligados, primordialmente, à mudança de comportamento da mulher (Fontes, Bruna). Sendo “O beijo no Asfalto” a única obra que se afasta, possuindo dois protagonistas masculinos e o enredo pautado em um beijo homossexual entre dois homens antes de um deles morrer.

Com base nisso, para a minha pesquisa, realizei a leitura de cinco das dezessete obras de Nelson, sendo: “A Mulher sem Pecado”; “Dorotéia”; “Perdoa-me por me traíres”; “Os Sete Gatinhos” e “A Serpente”. Enquanto realizava as leituras, fui

¹ Fala retirada da entrevista produzida pelo repórter J.J. Ribeiro, para o jornal O opinático, em 26 de novembro de 1980 e republicada na Revista Bula Online, por Alexandre Flores Alkimim. Trecho presente na dissertação de Fontes, Bruna. SER MULHER[manuscrito]: A representação feminina de Nelson Rodrigues e uma leitura da mídia contemporânea/ Bruna Fontes – 2017

traçando panoramas em relação as personagens femininas das obras, e seu enredo. Para melhor explicar cada personagem e suas obras, traço um panorama dos quadros demonstrando as percepções tidas por mim em cada leitura.

No quadro 01, é demonstrado o resultado da análise na obra “A mulher sem pecado”, a obra fala sobre a vida conjugal de Lígia e Olegário, que é obcecado por sua mulher e na ideia que pode ser traído por ela.

Quadro 01: Análise da obra “A mulher sem pecado”

A mulher sem pecado (1941)	
PERSONAGEM:	Lígia
Sentimentos/Características:	Abandono, pressão psicológica, carência e abuso.
Trama:	Trata do ciúme obsessivo de Olegário, seu marido (cadeirante). Lígia sempre se mostra firme em relação a sua vida, e diz não ter nada a esconder do marido. Este, um homem honrado, para os serviçais e pessoas de fora, não deixar escapar nada sobre o comportamento desconfiado em relação a mulher. Mas com ela sempre age de forma hostil, a reprimi e tortura psicologicamente inventando histórias.

Fonte: Nelson Rodrigues
org.: Yasmin Caroline M.C. Souza

Podemos interpretar com o quadro 01 que a personagem é reprimida de todas as formas dentro do seu matrimônio, Lígia na trama se perde em o que é real e invenção de seu marido. Este alega que antes Lígia não se arrumava, e agora após o acidente dele anda se vestindo melhor para se mostrar para as pessoas da rua. A mulher, mesmo casada em sua fala alega não saber nada sobre o amor. Em seu matrimônio sempre teve dinheiro, desconfianças e ofensas. Lígia passa também por um momento com Umberto (chofer da casa) que a agarra e a beija- mulher o nega, mas depois se entrega aos prazeres- por vontade própria, repressão, carência ou persuasão? – Umberto, insinua a Lígia que a culpa do beijo é dela, pois ela sempre o provocou.

Já no quadro 02, trago a peça Dorotéia, seu enredo principal é focado no drama familiar e religioso.

Quadro 02: Análise da obra “Doroteia”

Dorotéia (1949)	
PERSONAGEM:	Dorotéia
Sentimentos/Características:	Castidade, discriminação, religião e fuga.
Trama:	Em Dorotéia nós acompanhamos a transformação da personagem após a sua chegada na casa de suas parentes, 3 primas viúvas, pedindo ajuda e abrigo após ter perdido seu filho ainda bebê. As primas a renegam por seu passado como mulher da vida e sua beleza. As viúvas em todo momento são descritas como feias, tementes a Deus e se orgulham de ter as náuseas da família. Dorotéia para ser aceita por elas tem de negar sua beleza, indo atrás até mesmo de contrair chagas.

Fonte: Nelson Rodrigues

Dorotéia em todo momento é castigada por sua beleza, sendo ela a culpada pelos homens a desejarem, dona de seu próprio pecado: não teve as náuseas da família (condição que toda mulher da família tem na sua noite de núpcias e que as impede de enxergar seu próprio marido e qualquer outro homem, como um sinal de divindade).

Assim, durante todo desenrolar da trama vemos Dorotéia ser diminuída e julgada por ser uma mulher bonita e por ter traçado suas próprias escolhas e com embasamento na religião e no sagrado as suas primas a transformam para que enfim ela se torne uma mulher digna de Deus.

No próximo quadro, faço uma análise das personagens Glorinha e Judite, que são tidas como posse pelos homens que cercam suas histórias.

Quadro 03: Análise da obra “Perdoa-me por me traíres”.

Perdoa-me por me traíres (1957):	
PERSONAGEM:	Glorinha e Judite
Sentimentos/Características:	Reféns da instituição familiar; patriarcado e mulher como posse.
Trama:	A peça conta a história de Glorinha, menina órfã que mora com seu tio Raul, que a cria com rigidez e superproteção. No desenrolar da trama, após Glorinha ter ido se prostituir, influenciada por sua amiga Nair, e seu Tio Raul descobrir, acontece um momento de flash-back na história, para contar sobre os pais de Glorinha, mais especificamente sobre a morte de sua mãe Judite. Nesse momento descobrimos que ela foi assassinada por Tio Raul.

Fonte: Nelson Rodrigues

org.: Yasmin Caroline M.C. Souza

Na peça, Glorinha sempre diz sentir mais medo do tio do que da própria morte. Mas desafia a sua superproteção em fugas com sua amiga Nair. Sua mãe, Judite viveu um casamento abusivo com o irmão de Raul, que foi internado por seus acessos de ciúmes e agressividade. Quando ele retorna, diz a frase título da peça “perdoa-me por me traíres” a sua mulher, em presença a outros membros da família, que julgam o homem de louco e o internam novamente. Raul tendo ciências das traições de Judite decide envenená-la, mas não em defesa de seu irmão e sim de seu ego porque era apaixonado por ela. Ao contar essa história a Glorinha, Tio Raul começa a entrar numa espécie de transe, e confundir a menina com sua mãe Judite, nos deixando entender que sua superproteção com a garota é pelo desejo (e posse) que transferiu de sua mãe para ela.

Já no próximo quadro, farei um panorama da peça “Os sete gatinhos”. No enredo contamos com a presença de várias mulheres de personalidades muito fortes, as filhas de Seu Noronha, mas no quadro a análise será feita a partir da personagem D. Aracy, sua esposa.

Quadro 04: Análise da obra “Os sete gatinhos”

Os Sete Gatinhos (1958)	
PERSONAGEM:	D. Aracy

Sentimentos/Características:	Dona de casa, reprimida, desvalorizada, submissa e cúmplice da sujeira do marido.
Trama:	A peça, conta a história da família de seu Noronha, um homem autoritário, casado com D. Aracy com quem tem cinco filhas. O homem, no desenrolar da trama se torna cafetão de suas próprias filhas. D. Aracy, não tem voz em relação as barbaridades que acontecem em sua casa, sua forma de extravasar é através de escritas de ‘nomes feios’ parede do banheiro.

Fonte: Nelson Rodrigues
org.: Yasmin Caroline M.C. Souza

Percebemos na peça uma trama envolvida por mulheres de personalidades fortes e distintas, personalidades essas de prostitutas criadas por seu próprio pai que por dinheiro oferecia suas filhas a homens. Mãe e filhas que são controladas severamente por uma única presença masculina que consegue manipulá-las através do seu poder patriarcal.

O último quadro é sobre a peça “A Serpente”.

Quadro 05: Análise da obra “A Serpente”

A Serpente (1978)	
PERSONAGEM:	Guida e Ligia
Sentimentos/Características:	Reprimidas a figura do homem, servidão, submissão e vulnerabilidade.
Trama:	Na peça, duas irmãs Guida e Ligia vivem no mesmo apartamento com seus respectivos maridos. Lígia, larga seu marido pelo fato de seu casamento nunca ter sido consumado, e confessa que Décio, o marido, sempre a agrediu. Guida vendo a tristeza da irmã oferece uma noite com Paulo, seu marido, para que a irmã também fosse feliz como ela.

Fonte: Nelson Rodrigues
org.: Yasmin Caroline M.C. Souza

Lígia, enquanto sofria por seu casamento fracassado, já demonstrava uma certa inveja de sua irmã, que se considerava a mulher mais feliz do mundo. Guida oferece o próprio marido a irmã por uma superproteção, ela mesma diz que preferia que morressem juntas a ver a menina sofrer.

Depois da noite entre Paulo e Ligia, Guida é consumida por um imenso ciúme da irmã com o marido, agora ela mesmo desejando a própria morte da irmã. Já Paulo e Ligia, são tomados pelo desejo e se tornam amantes, e em consequência disso Paulo começa a se desinteressar pela própria mulher, a qual ele mata no final da trama e é acusado por Ligia do assassinato.

O enredo da peça é centrado no desejo, sexo e a repressão. No papel da mulher como a submissa a esses desejos que devem ser reprimidos.

1.1 Dramaturgia da cena Ecos de Solidão

Apresento todo esse panorama das peças de Nelson com o objetivo justificar a escolha da peça “A mulher sem pecado” e esboçar os caminhos que tracei para a criação da dramaturgia de “Ecos de Solidão”. Todas as peças analisadas tratam de alguma forma de “prisões” femininas como religião, matrimônio e o patriarcado. Porém, na personagem Lígia da obra “A mulher sem pecado” eu encontrei de alguma forma todos os panoramas presentes nas outras personagens. Lígia está presa a um casamento falido, um marido manipulador, violento, sendo submissa a ele e perdida em o que é propriamente seu ou inventado por seu cônjuge, em meio a isso também se reprime perante a Deus pelos seus sentimentos.

Enquanto realizava a leitura das peças, fui anotando e destacando partes que achava essencial e potentes cenicamente para inserir na dramaturgia.

Nesse processo de criação, procurando de referências que complementassem a cena me deparei com o poema “Amar” de Carlos Drummond de Andrade interpretado por Marília Pêra². A escrita do poema traz em si uma dualidade referente ao amor, como uma necessidade, um castigo, algo inerente ao ser humano. E ressalta o amor nas coisas simples da vida, como a natureza e em nós mesmos. E tudo isso na voz da grandíssima Marília, o que me fez querer inserir ele na composição da minha cena, gerando o primeiro questionamento da minha dramaturgia: “Ainda hoje, eu quase não sei nada de amor. O que é que eu sei sobre o amor?”

E a partir dessa pergunta a personagem vai revelando momentos da sua vida conjugal e falas absorvidas por ela de seu marido.

Considero essa a primeira parte da minha dramaturgia. A segunda é a produção do relato autoficcional. Importante destacar que, esse relato foi sendo criado e aperfeiçoado em sala de ensaio, junto com a criação cênica, diferente da primeira parte, que surgiu através de leituras, pesquisas e escrita. Para Santos (2020):

O eu dentro da narrativa autoficcional se encontra distante de um estado coerente e completo. Mas sim, muito mais próximo de um lugar onde se encontra fragmentado, desterritorializado e incoerente. Talvez a autoficção possa ser pensada como, antes de uma categoria teatral, uma experiência que o sujeito se propõe. Abrir as portas de uma casa que não se conhece, entrar em seus cômodos e olhar as suas fotografias. Lembrar de algo que de tão esquecido parece

² Produção do Instituto Moreira Salles_ IMS disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=G3LIMueC124&t=9s>

estranho. E persistir ao seu lado, abdicando dos mecanismos de defesa, se permitindo ir. (Santos, p.87, 2020).

Sendo assim, durante o processo de criação cênica deixei que fluísse em mim lembranças não só da minha vida, mas também histórias de mulheres que já tive acesso algum dia para que o meu depoimento autoficcional surgisse.

Depois disso, por uma necessidade sentida por mim e pela direção da cena, realizei a escrita desse depoimento, que está presente no apêndice desse trabalho, com as partes que achava mais relevante e criei uma estrutura para os fatos.

2. SOBRE A DIREÇÃO

A relação entre a atuação e a direção.

Porque Bárbara Borges para a direção da cena “Ecos de Solidão”?

Durante as primeiras orientações com Narciso, chegamos à conclusão, por uma vontade própria e necessidade cênica, de uma direção feminina para esse trabalho. O fato de eu ter escolhido Narciso como orientador, foi para um olhar técnico a cena, visto que durante o meu período de graduação, nas matérias de “Atuação: Improvisação I” e “Atuação: Improvisação II” ministradas pelo professor me identifiquei com sua forma de pesquisa teatral.

A partir dessa disposição, convidei Bárbara para me dirigir cenicamente. Barbara é minha veterana no curso de Teatro na UFU, ingressou em 2019 e eu em 2020. Com a pandemia da Covid-19 e o ensino remoto, acabamos fazendo algumas matérias juntas e posteriormente atuamos juntas no experimento cênico “Morangos Mofados”, resultado da matéria “Atuação: Narrativas” ministrada por Eduardo de Paula, e no espetáculo “Interestrellar 005” resultado do projeto de PINA e TCC do Gabriel Gulla.

Bárbara também tem como uma de suas pesquisas falar sobre a mulher em cena, já possuindo um olhar sensível para o que eu gostaria de abordar. Para além da proximidade entre nós e nossas pesquisas, o que me fez realmente convidá-la para me dirigir é a admiração que tenho pelo seu trabalho e comprometimento. Nos processos em que estivemos juntas sempre a tive como uma ótima parceira de cena: profissional e aberta ao jogo.

Sendo assim, a convidei para me dirigir e ela aceitou, mesmo nunca tendo realizado o trabalho de direção cênica e a partir desse momento, eu e Bárbara assumimos o trabalho na sala de ensaio com base nas fundamentações teórico-práticas já trabalhadas e conversadas com meu orientador.

Como a presença de Barbara na direção dessa cena foi de suma importância, trago um relato feito pela mesma como uma forma de olhar para esse processo sob outro ponto de vista.

Segundo Bárbara Borges:

“Quando a Yasmin me chamou para fazer parte do processo eu achei muito interessante a proposta de trazer essa linha narrativa com as Mulheres de Nelson, em 1940, com as mulheres hoje em dia, e o que isso mudou ou não. O recorte feito por ela em relação ao texto também

foi algo que me chamou atenção, foi muito bem-feito e com nuances que trouxeram esses sentimentos conflitantes à tona. Nós na posição de mulheres em relacionamentos muitas vezes temos ciência de tudo que estamos passando, mas também temos apego, raiva e aquilo que aprendemos como mulher que devemos ou não aceitar de um homem, e o recorte que Yasmin trouxe da peça “A Mulher sem Pecado” passa todas essas dualidades. A Yasmin chegou para mim já com um esboço de cena, nós não a trabalhamos do zero. Desde o início já gostei do que estava sendo proposto e sentia que a cena já estava trabalhada, quando ela me trouxe a proposta já sabia o que queria fazer e como fazer, então eu me senti mais como um instrumento de ajuda para aperfeiçoar isso, e foi isso que fizemos durante os encontros. Trabalhamos muito em relação ao corpo, postura, tom de voz, entonação. Então eu sinto que meu trabalho foi importante nesse quesito, porque a vivência e carga dramática já existia. Eu fiquei muito feliz com o convite, foi minha primeira experiência com direção e me sinto grata de ter essa confiança por conta dos meus outros trabalhos aqui na UFU. E acredito que mesmo não possuindo experiência anterior com direção, nessa cena eu como mulher tenho prioridade e voz para interferir, porque está na minha carne e no que eu vivo diariamente, e isso ficou exposto nas conversas que tínhamos antes dos ensaios, como nossas vivências muitas vezes batiam com as presente na dramaturgia.

Gosto muito do trabalho da Yasmin quanto atriz e para mim dirigi-la não foi difícil porque ela se entrega, sempre busca trazer coisas novas e acho que isso que fez esse trabalho funcionar muito bem. Hoje sinto que conseguimos potencializar a cena em relação ao esboço inicial e considero a cena Ecos de Solidão um trabalho de muito peso e sentimentalismo.”

Ser dirigida por Bárbara me trouxe maior confiança e segurança para estar em cena. Como atriz, considero muito importante um olhar externo (e técnico) em relação ao que se está sendo feito em cena. Nosso trabalho fluiu desde o início de forma muito significativa. Bárbara é uma atriz muito dedicada e em meio a esse processo juntas, realizamos trocas de diversos tipos, o que me fez a admirar cada vez mais. Em sala de ensaio, desde o primeiro encontro sempre trouxe propostas muito fiéis ao que eu buscava imergir para a cena, sempre firme e muito respeitosa com a delicadeza do que estávamos trabalhando. Para mim, foi um prazer e uma honra poder contar com uma amiga, atriz, e nesse caso diretora, tão dedicada num trabalho que se tornou tão importante para minha trajetória acadêmica.

3. EM SALA DE ENSAIO

Nessa seção dedicada a apresentação do quadro de encontros farei um breve panorama de como foi estabelecido e dividido os ensaios.

3.1 Quadro 06: Encontros.

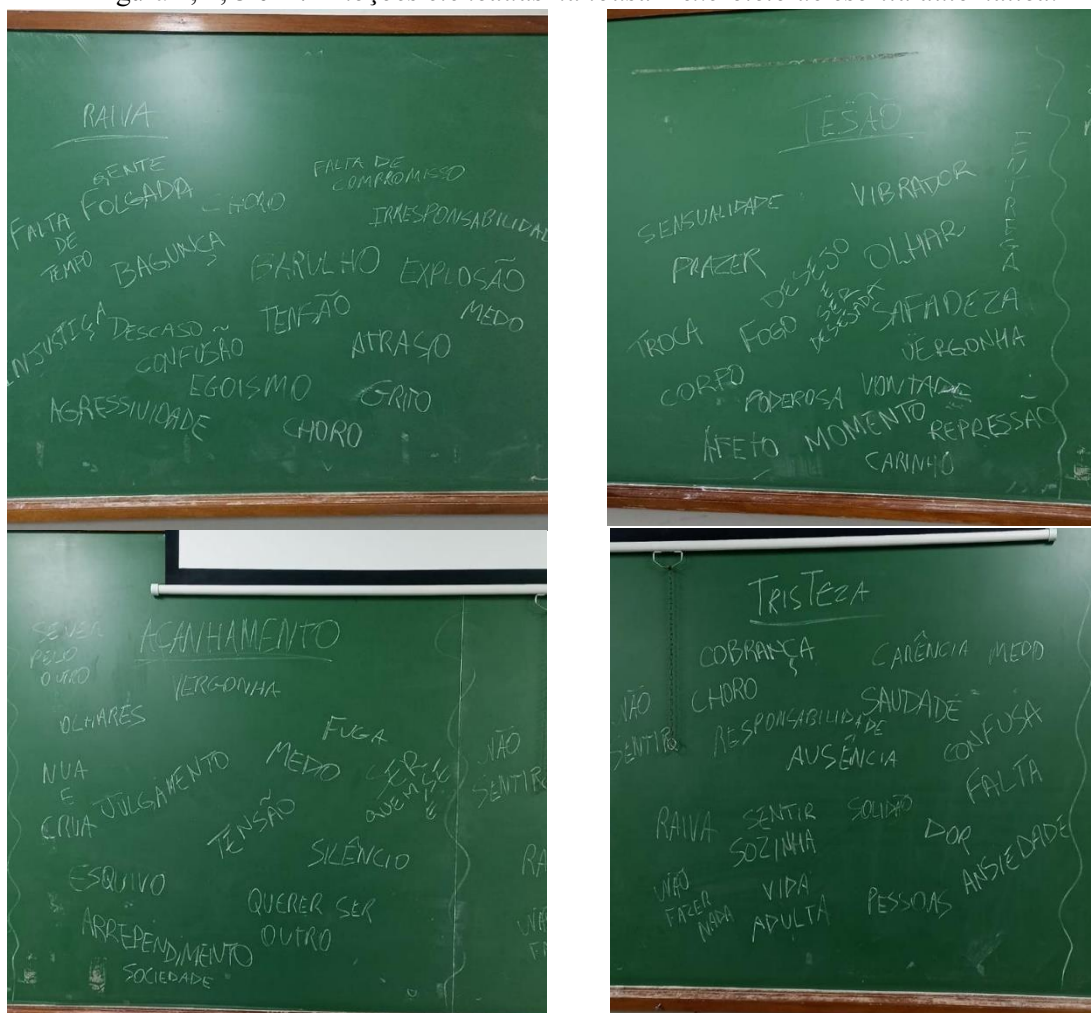
DATA	TIPO DE ENCONTRO
22/02/2024	Trabalho com emoções através da dramaturgia – orientação Narciso Telles
19/03/2024	Criação e exploração cênica – orientação Narciso Telles
04/04/2024	Trabalho com as emoções e construção cênica – direção Bárbara
10/04/2024	Investigação de personagem – direção Bárbara
15/04/2024	Criação e exploração cênica – direção Bárbara
25/04/2024	Trabalho com emoções e objetos e criação e exploração cênica – Direção Barbara com presença de Narciso Telles
21/06/2024	Investigação de personagem e ensaio - direção Bárbara
25/06/2024	Investigação de personagem e ensaio - direção Bárbara
09/07/2024	Ensaio - direção Bárbara com presença de Narciso Telles
10/07/2024	Ensaio aberto para convidadas do grupo da montagem “Shakesperianas”
08/08/2024	Ensaio – direção Bárbara Borges
10/08/2024	Apresentação no evento “Mostra de pesquisas praticas” organizado pelo Diretório Acadêmico Grande Otelo.
29/08/2024	Ensaio – direção Bárbara Borges
06/09/2024	Ensaio – direção Bárbara Borges
19/09/2024	Ensaio – direção Bárbara Borges
26/09/2024	Ensaio – direção Bárbara Borges
26/09/2024	Apresentação no evento “XVI Seminário Nacional O Uno e O Diverso na Educação Escolar”.
17/10/2024	Ensaio – direção Bárbara Borges

Fonte: Acervo da autora, 2024.

3.2 Resumo dos encontros práticos

Após os encontros iniciais, voltados a conversas e entendimento da cena, em sala de ensaio eu e Barbará demos continuidade ao trabalho a partir das intensidades/emoções que o Narciso havia iniciado comigo durante as minhas orientações. Trabalho esse que consistiu em buscar na dramaturgia escrita por mim os sentimentos, suas intensidades e modulações. Assim, nesse momento já havia quatro emoções/estados de atuação elencados: raiva, tristeza, acanhamento e tesão. A partir desses sentimentos, para um melhor reconhecimento, em uma lousa e fizemos a escrita automática das coisas que nos remetiam aqueles sentimentos, e depois elencamos três relações em cada sentimento que nos remetia a cena “Ecos de solidão”.

Figura 1, 2, 3 e 4 : Emoções elencadas na lousa – exercício de escrita automática.



Fonte: Acervo da autora, 2024.

Junto a isso, iniciamos nossos trabalhos práticos usando dos Rasaboxes, que consiste em uma dinâmica lúdica de treinamento físico para atores/performers praticada

num tabuleiro, ou seja, num quadrado riscado no chão, dividido em nove boxes, nomeados com nove rasas, ou sabores, em sânscrito. O jogador deve experimentar cada rasa, colocando-a corporalmente no espaço. Sempre que mudar de box, o jogador deve mudar imediatamente seu estado corporal. Com a técnica senti que dentro da cena apesar de sempre estarem em mudanças abruptas, os sentimentos compõem um ao outro e se misturam. Normalmente as emoções estão misturadas com outras emoções, desconfortos físicos, confusões mentais. Sentir apenas sringara/amor durante todo o tempo em que se estiver explorando seu box é extremamente difícil por vários motivos, e um deles se dá pelo fato de sentirmos o amor misturado com medo, tristeza, raiva na vida cotidiana, Sarmiento (p.21,2015).

Durante as nossas experimentações, o tabuleiro foi composto pelos sentimentos/estados elencados para serem trabalhados em cena. Transcrevo aqui, alguns trechos das minhas anotações de ensaio para expor sobre esse entendimento descrito por Sarmiento:

“Tristeza: Trouxe no corpo a sensação de acolhimento e necessidade de cuidado; buscar uma falta em si mesma; estar só; querer desaparecer; a raiva aparece nesse momento como uma fuga desses sentimentos;

Acanhamento: Corpo de menina curiosa e envergonhada, fuga pelo sentimento que não se pode ser sentido- passa pela tristeza;

Tesão: é reprimido, dor ao sentir o tesão; fogo pelo desconhecido; acanhamento e assanhamento – em todo momento de improvisação uma grande dualidade: desejo surgindo através das pontas dos dedos passando em lugares mais escondidos (orelha, pescoço) – pudor com o próprio corpo;

Raiva: mão na cabeça, cabeça que explode e não quer pensar – tudo fica no pensamento, o sofrimento e angústia daquela mulher, falas mais baixas e pausadas e momentos de explosão repetições.”

Uma prática muito importante para nós nesse processo e usada por muitos encontros foi a “imersão”. Como não buscava representar uma personagem em cena, e sim uma figura feminina, o que já faz parte da minha vivência, nos momentos iniciais dos ensaios Bárbara me guiava a partir de provocações a habitar aquela história e rememorar

sobre os meus interesses como mulher naquela cena. Junto a isso, inseria aos poucos os sentimentos a aquele momento, explorando-os fisicamente, no corpo todo e em membros isolados, no espaço e na fala. Exploração que conversa com Zechini e Carreira sobre a atuação por estados: “a atuação por estados, que envolve um comprometimento psicofísico do ator/atriz que está em cena e desenvolve o seu trabalho a partir de suas vontades urgentes, e não da busca em representar uma personagem, ou ser absolutamente fiel aos sentidos do texto. Acreditamos que o sentido é construído a partir do olhar do espectador, gerando assim um espaço para que este seja ativo e faça uso de sua capacidade crítica e criativa.” (Zechini, Carreira, 2017).

Durante as práticas improvisacionais, usei de vários objetos como provocações da criação cênica, como: roupas, sutiãs, cartas, cadeiras e música. Nesse primeiro momento queria criar uma ambientação que me remetesse a uma mulher em sua casa, presa com seus afazeres do dia e memórias do seu passado. Com o passar dos ensaios, desses objetos as únicas coisas que restaram foram sutiãs, uma cadeira e as músicas “A história de Lily Brown” de Chico Buarque e “Bandeira Branca” interpretada por Dalva de Oliveira.

A escolha desses três disparadores, foi feita através de signos gerados na construção da cena. As músicas e a cadeira foram elementos indicados por Narciso nas minhas orientações iniciais. O uso da canção “A história de Lily Brown” aparece para aquela mulher como um momento de lembrança de quem ela era e o caminho do que se tornou. A música narra a vida de uma cantora que, ao conhecer seu amado, se entrega à paixão, sendo conquistada por ele de diversas maneiras. No entanto, após o casamento, tudo muda e seu marido passa a controlá-la. Dolorosa transformação que é descrita nas duas estrofes finais da canção: “Como amar esposa, disse ele que agora, só me amava como esposa, não como star, me amassou as rosas, me queimou as fotos, me beijou no altar, nunca mais romance, nunca mais cinema, nunca mais drink no dancing, nunca mais x, nunca uma espelunca, uma rosa nunca, nunca mais feliz”.

“Bandeira Branca” é a trilha que encerra a cena, marcando o momento de rendição daquela mulher. Que mesmo após tudo o que viveu, ela clama por paz, sugerindo que tudo faz parte de um ciclo inevitável.

Desde o início das experimentações, a cadeira era utilizada como um elemento de distanciamento entre a dramaturgia de Nelson e a autoficção. Estando presente no espaço cênico durante toda a apresentação, sua função foi sendo ressignificada, ganhando novos sentidos ao longo da cena. A cadeira permanece jogada no chão, em posição horizontal, e em alguns momentos funciona como um escudo para a mulher, mas também como uma

representação dela própria. No final da cena, a mulher se deita em posição fetal, “de conchinha”, junto à cadeira, estabelecendo uma conexão simbólica entre elas. A história de um corpo que não está ali.

E os sutiãs, primeiro na sua figura literal de uso feminino, que hoje muitas vezes enxergado como um meio de sensualidade e repressão. Mas também como uma metáfora do que sobrou daquela mulher, suas lembranças, magoas e anseios.

Além disso, a presença do poema “Amar” no início da cena, acarretou a criação de uma partitura corporal. Essa proposta foi levada pela direção durante os ensaios, como uma forma de instigar o corpo a reação ao poema. A criação da sequência teve como base o uso dos níveis: alto, médio e baixo. E palavras que instigaram diferentes imagens como: medo, raiva, felicidade, vergonha, confusão, loucura, prazer, tristeza, dor, grandeza, decepção, controle, repressão.

Após esse momento de investigação e criação desse material, foi essencial a repetição com a sonorização do poema para o entendimento e conexão dessa partitura com ele.

Figura 5 a 10 : *Criação da partitura corporal*







Fonte: Laura Marzocchi, 2024.

Vale ressaltar que as etapas de criação cênica descritas aqui, não seguiram fielmente a cronologia feita nos encontros, e sim um emaranhado das partes consideradas mais importantes por mim para que chegasse ao resultado da cena “Ecos de Solidão”. Julgo que esse processo se encontrou muitas vezes com múltiplos focos de criação e necessidades sentidas por mim e pela direção em sala de ensaio.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das vivências em sala de ensaio para a criação da cena “Ecos de Solidão” e da revisitação dos registros e anotações que fui acumulando ao longo do processo, me encontro contemplada, como atriz e eterna estudante e amante do teatro. Este trabalho me permitiu mergulhar nas minhas vivências e experiências resgatando memórias e emoções que carrego como mulher e artista. E com a cena me coloco nesse lugar e trago as complexidades das imposições sociais sobre o meu ser e as formas de usá-las ao meu favor. Escrever sobre um processo de criação tão íntimo, que transita entre o pessoal e o habitual, é um desafio imenso. Na sala de ensaio, as coisas acontecem no presente, de maneira instintiva. O processo é experimental, fluido, e marcado pela espontaneidade. Nesse contexto, a sala de ensaio se torna não apenas um espaço de trabalho, mas um território de exploração pessoal e artística, onde a vida se encontra com a arte de maneira visceral. E como mulher, trago minhas vivências cotidianas, minhas lutas e dilemas para dentro desse processo criativo. Com a cena “Ecos de Solidão” uso do teatro como uma forma de dar voz e a situações que muitas vezes se encontram trancadas a quatro paredes.

Enquanto atriz e pesquisadora, no momento de encontro com o público vejo a realização deste trabalho, desde o início pensei minha cena para conversar com mulheres, e durante essa troca que ela funciona. Antes da apresentação destinada ao trabalho de conclusão de curso, tive a oportunidade de partilhar a cena três vezes, para três públicos distintos.

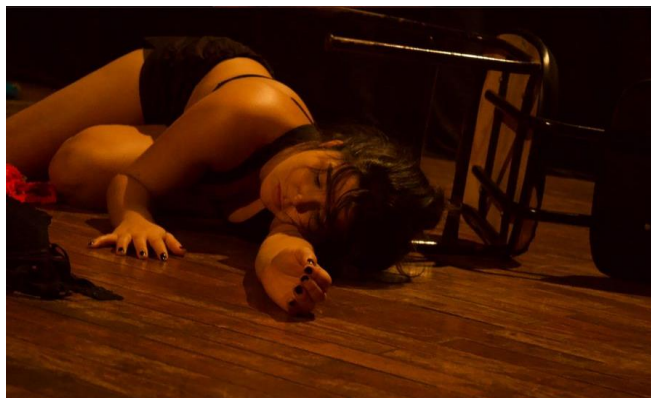
Dois desses compartilhamentos aconteceram no meio da pesquisa, um em formato de ensaio aberto para um grupo de nove mulheres, colegas e discentes do curso de Teatro e o outro no evento “Mostra de pesquisas práticas” organizado pelo Diretório Acadêmico Grande Otelo. Ambos os momentos foram de suma importância para mim no meu trabalho atriz e para o andamento da minha pesquisa, recebi feedbacks pertinentes que me auxiliaram tanto na exploração cênica e nessa escrita.

O terceiro compartilhamento aconteceu no seminário “XVI Seminário Nacional O Uno e O Diverso na Educação Escolar”. Embora nas apresentações anteriores tenha recebido retornos colaborativos, julgo que, nessa apresentação, a minha pesquisa atingiu seu propósito. Antes mesmo de estar em cena eu já estava afetada por aquele público, como atriz e como mulher. Me deixei afetar e ser vulnerável. Não sabia como minha cena chegaria até elas, uma plateia majoritariamente de mulheres, professoras, mas durante a

apresentação entendi que aquele era o momento em que minha cena se concretizava: na troca e conexão da atriz com a cena, palco e público. Ao final, fui recebida com aplausos, palavras de acolhimento e confissões de vivências pessoais.

Acredito que essa recepção do público fez com que a história se concretizasse e se tornasse real não só para mim, mas para todas as outras que assistiram. Conversando com Carreira e Carvalho quando dizem que “O Trabalho com o estado pede que o ator visite a fronteira entre o controle racional e o deixar-se levar, entre o conduzir e o ser conduzido, pelo próprio estado. [...] A performance desse ator é compreendida neste contexto como uma vivência que dialoga com o público buscando o estabelecimento de uma experiência compartilhada.” (Carreira, Carvalho, 2010).

Figura 11, 12 e 13: *Apresentação no evento “Mostra de Pesquisas Práticas” organizado pelo Diretório Acadêmico Grande Otelo.*



Fonte: Fotos por Eric dos Santos Silva, 2024.

Figura 14, 15 e 16: *Apresentação no evento “XVI Seminário Nacional O Uno e O Diverso na Educação Escolar”*



Fonte: Acervo da autora, 2024.

A fim de contribuir e complementar as escritas das páginas anteriores deixo nas próximas as dramaturgias criadas para a cena e o link de acesso para a gravação da apresentação que precede a defesa deste trabalho.

REFERENCIAS

CARREIRA, André Luiz Antunes Netto; CARVALHO, Ana Luiza Fortes. Uma Interpretação a partir de ‘Estados’: Buscando uma Cena Grotresca. LABORE Laboratório de Estudos Contemporâneos, POLÊM!CA Revista Eletrônica; Polêm!ca, v. 9, n. 3, p. 104 – 112, julho/setembro 2010.

FONTES, Bruna. SER MULHER[manuscrito]: A representação feminina de Nelson Rodrigues e uma leitura da mídia contemporânea/ Bruna Fontes – 2017. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto ciências sociais aplicadas. Departamento Ciências Sociais, Jornalismo e serviço Social. Programa de Pós-graduação em comunicação. Area de Concentração: Comunicação e temporalidades

KLINGER, Diana. (2012). Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica: Bernardo Carvalho, Fernando Vallejo, Washington Cucurto, João Gilberto Noll, César Aira, Silviano Santiago. Rio de Janeiro, 7Letras.

LIMA, Augusto. (2017). Impossibilia. Revista internacional de estudios literarios, 13, 106-130; Relações entre autoficção e metateatro: um exemplo na dramaturgia brasileira.

SANTOS, R. C. Motivos para se desejar um teatro autoficcional, In: 9º Seminário de Pesquisa em Andamento da USP, 2019, São Paulo. Motivos para se desejar um teatro autoficcional, 2019.

SARMENTO, Júlia Peredo. Enlouquecer o Rasaboxes - produção de intensidades no trabalho do ator / Júlia Peredo Sarmento. – 2015. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Fortaleza, 2015. Área de Concentração: Poéticas da criação e do pensamento em artes. Orientação: Prof. Dr. Héctor Andres Briones Vásquez.

RODRIGUES, Nelson. Site. Obras teatrais. Disponível em: <<http://www.nelsonrodrigues.com.br/site/oteatrais.php>>.

ZECHINI, Ana Flavia; CARREIRA, André Luiz Antunes Netto. Atuação por estados. In: 27º Seminário de Iniciação Científica da Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, 27º SIC UDESC, 2017. Atuação por estados, 2017.

APENDICE 1

DRAMATURGIA ECOS DE SOLIDÃO

Poema- Amar

Ainda hoje, eu quase não sei nada de amor. O que é que eu sei de amor?

Eu tive tudo nessa vida, móveis, casa, automóvel, uma vitrola de 25 contos, cinema, dinheiro!

"Tudo", tudo, menos marido. É o que muitas não têm - muitas - marido!

Minha vida nunca teve mistérios, mas para ele meus pensamentos, meus sonhos também eram pecado.

Mas seu pensamento nem sempre - **seu pensamento, seu sonho. Quem é que vai moralizar o pensamento? O sonho? E o seu passado?? (Homem)** ... Meu passado... Antes não importa! Só vale o que eu fiz depois de você! Então acuse. Pronto! Acuse! Acuse, mas não me faça sofrer à toa! Você não me acusa porque não pode. Minha vida não tem mistérios. Todo mundo sabe o que eu faço.

O amor... As minhas amigas me contam coisas... E eu fico espantada, espantadíssima...

Nem abro a minha boca, porque não convém... Eu sou uma esposa que não sabe nada.

Antes preferia o escritório a mim. (excitada) E só conversava sobre negócios.

Feliz, eu??? (afirmativa) Nunca fui, meu filho! (com ironia e noutro tom) Como eu poderia ser feliz abandonada? Abandonada, sim, por um marido que chegava em casa às 2, 3 horas da manhã! E que hoje só desconfias.

“Você era esposa, e não amante! E eu não podia, compreendeu? Para a

esposa, existe um limite! tenho certeza de que o próprio corpo a impressiona, O fato de você mesma olhar o próprio corpo é imoral.” (homem)

E por que você não me trata melhor?

Uma vez, um homem me chamou de cínica e eu... Eu gostei... (baixo e aterrorizada)

Quem sabe se eu não sou? Não! Não! Minhas palavras estão loucas, minhas palavras enlouqueceram!

(recua, aterrorizada e estaca. Súbito, corre para a louca; cai de joelhos, soluça, abraçada às pernas da doida) Perdão! Perdão!

Não sou eu a única mulher que já desejou a morte do marido (ri, com sofrimento)

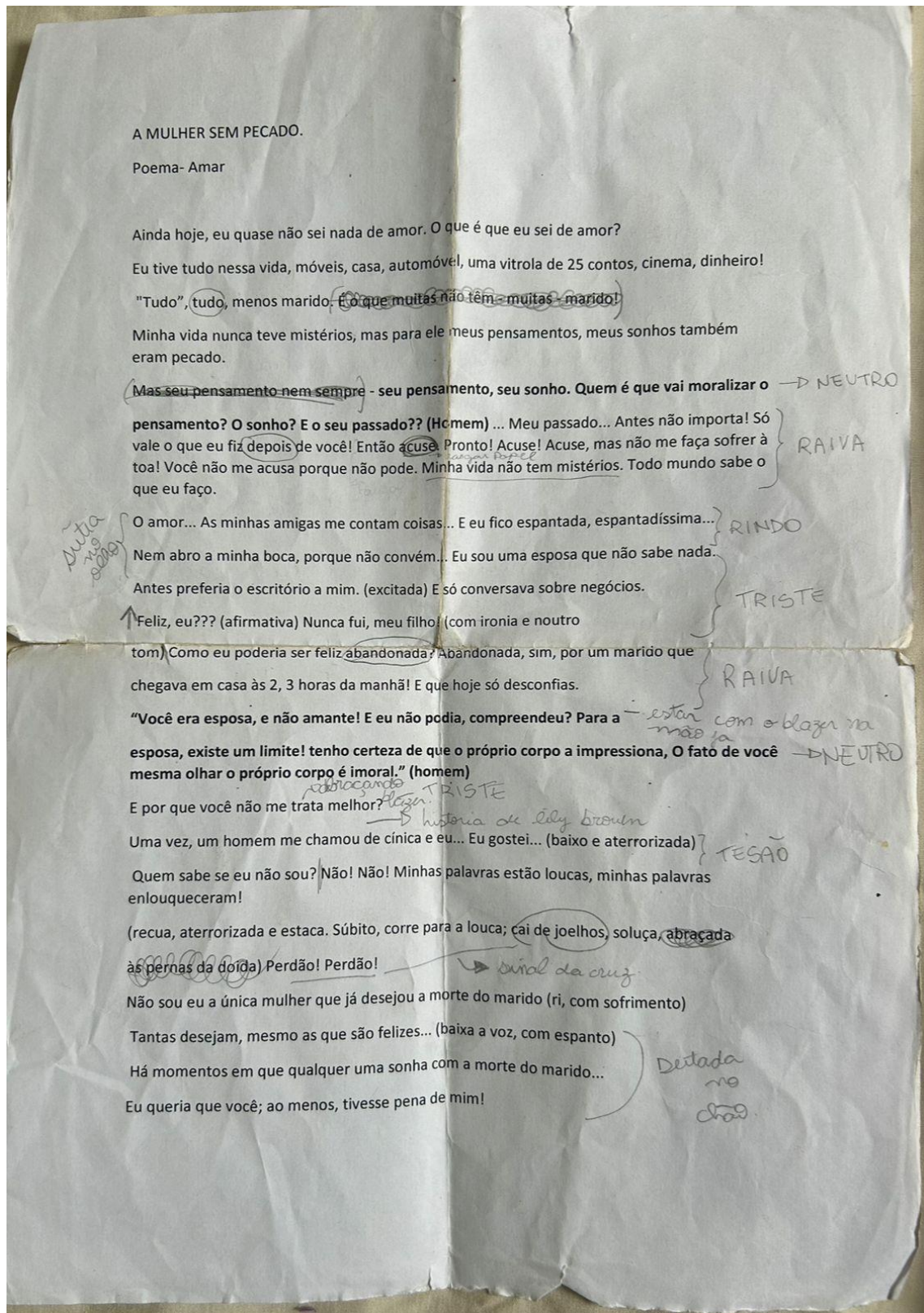
Tantas desejam, mesmo as que são felizes... (baixa a voz, com espanto)

Há momentos em que qualquer uma sonha com a morte do marido...

Eu queria que você; ao menos, tivesse dó de mim!

APENDICE 2

Figura 17: Roteiro cena Ecos de solidão com anotações de ensaio



Fonte: Acervo da autora, 2024.

APENDICE 3

RELATO AUTOFICCIONAL

O que eu acabei de apresentar para vocês é uma cena inspirada no texto “A mulher sem pecado” do Nelson Rodrigues, essa peça foi escrita nos anos 40. Mas as coisas que acontecem com essa mulher em cena ainda acontecem hoje em dia, em 2024 com mais frequência que a gente imagina. Eu mesma já passei por algo parecido, e demorei pra perceber o que realmente ‘tava’ acontecendo. O apagamento de si, ele começa através de

atos bobos, mas que de um em um se torna uma grande avalanche em cima de você.

Nesse meu relacionamento ele dizia ter se apaixonado por mim pelo meu jeito espontâneo, alegre e divertido de ser. Teve uma vez, nesse relacionamento, ele comprou um bolo de aniversário para mim, era um bolo de nozes! Eu odeio nozes, amo bolo de chocolate daqueles bem enjoativos, mas ele não gostava de chocolate, mas eu relevei porque realmente ne, ele não podia fazer sem comer um bolo que gostasse no dia do MEU aniversário, eu conseguia relevar aquilo...

Mas aos poucos, não era só o meu gosto pra bolo que tinha que mudar, eram as minhas roupas, que ele considerava muito curtas e chamativas, era a forma que eu amava tirar foto, até porque não tem por que eu querer me mostrar em redes sociais se já namoro.

Até um dia que saímos juntos, das poucas vezes que acontecia de sairmos, estávamos numa festa junto com uns amigos meus, e eu me aproveitava desses poucos momentos de alívio junto com meus amigos pra aproveitar, dançar, rir, até que tocou a música

“movimento da sanfoninha” da Anitta, e eu AMO dançar essa música, então comecei a dançar juntos com meus amigos e ele do meu lado fechou a cara e saiu andando, eu não entendi o que tinha acontecido, fiquei preocupada achando que alguém tinha feito algo pra ele e não consegui ver, eu só não imaginava que esse alguém era EU me divertindo.

E no momento que fui atrás dele e perguntei o que aconteceu eu nem me lembro de mais nada direito, só dele agarrando meu braço e me arrastando pra fora da festa. Ele me chamou de não sei quantos nomes, apontou o dedo na minha cara e nesse momento todo eu só conseguia pensar que eu poderia estar dançando exagerado mesmo pra ele ter ficado nervoso assim e que eu poderia ter evitado.

Chorei, me senti culpada, e revivi aquele momento muitas e muitas vezes na minha

cabeça até mesmo depois que ele terminou comigo, me dizendo que pelas minhas atitudes eu estava doida para ser solteira, que eu já não era a mesma que ele tinha conhecido. E eu realmente não era, ele tinha me apagado e jogado fora. E mesmo depois disso tudo eu descobri que quem já realmente agia como solteiro mesmo estando comigo era ele.

Então eu me questiono, o que esses 83 anos de quando escrita “A mulher sem pecado” para hoje mudaram?

APENDICE 4

LINKS DE ACESSO:

Link sala de ensaio 31/10/2024: <https://www.youtube.com/watch?v=TRd7U8MlqP0>

Link apresentação para a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso 13/11/2024:
<https://youtu.be/2fiXQoXl26Q>